

AUTORRECUPERANDO MARIA FIRMINA DOS REIS

MUNIK ANTUNES DE CAMPOS*

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras), Guarulhos, SP, Brasil.

Recebido em: 25 out. 2021. Aprovado em: 14 abr. 2022.

Como citar este artigo: CAMPOS, M. A. de. Autorrecuperando Maria Firmina dos Reis. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 2, p. 23-34, maio/ago. 2022. doi: 10.5935/cadernosletras.v22n2p23-34

Resumo

O presente estudo visa retomar e analisar as personagens negras do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e a trajetória biográfica da autora sob a perspectiva da “autorrecuperação”, termo cunhado por bell hooks para o processo de deslocamento de “objeto a sujeito” compreendido por indivíduos em condição de opressão.

Palavras-chave

Autorrecuperação. Pioneirismo. Abolicionismo.

* E-mail: munik.ac@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-1964-299X>

INTRODUÇÃO

Em 1859, Darwin publicava o seu *A origem das espécies*. A teoria da evolução das espécies foi, na verdade, formulada em 1844, mas o cientista foi cauteloso em revelar seus estudos, pois sabia que seriam controversos, indo contra a versão bíblica, tida então como absoluta (ALTMAN, 2010). O mundo científico o abraçou prontamente, e boa parte do “mundo externo” o viu como herege. Darwin foi corajoso, embora agisse com cautela ao dar à luz suas descobertas. É importante dizer que publicou seu livro sob o próprio nome, fato que o leitor, neste momento, pode julgar pouco importante.

Em 1859, acontecia outro “nascimento” curioso: “uma maranhense” publicava o romance *Úrsula*. Há que se pensar: quantas maranhenses alfabetizadas existiram em 1859? O anonimato, pedra no caminho dos historiadores, era muito provavelmente uma proteção escolhida pela mulher que quisesse fazer qualquer coisa que não fosse considerada adequada a seu sexo, escrever sendo um desses predicados. Como bem conjecturou Virgínia Woolf (2014, p. 73) em *Um teto todo seu*, o anonimato foi, durante muito tempo da história, a identidade de uma mulher.

Apenas nos anos 1970 redescobrimos (achou-se posteriormente a citação de Maria Firmina no *Diccionario bibliográfico brasileiro*, de Sacramento Blake, publicado entre 1880 e a virada do século) que “uma maranhense” era Maria Firmina dos Reis, professora e escritora. Talvez pela formação acanhada, pela vida afastada dos grandes centros culturais e pelo pseudônimo que assinalava diretamente a autoria de uma mulher, Maria Firmina tenha permanecido em “silêncio” obscuro com seu *Úrsula*. Darwin teve receio de publicar uma teoria que mudaria radicalmente a nossa forma de conceber a história e a ciência, mas o publicou sob o próprio nome. Maria Firmina dos Reis também foi reticente, protegendo-se sob pseudônimo, mas radicalizando a visão da escravidão mostrada pela literatura brasileira de então.

UMA TRAJETÓRIA AUTORRECUPERATIVA

No prólogo da obra, a autora desculpa-se pela muita pretensão de publicar um romance de tão “pouca qualidade”: “Mesquinho e humilde livro é este

que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume” (REIS, 2017, p. 25).

O tom de “desculpa”, algo comum nos prólogos da época, é sentido ao longo de todo o prólogo: Firmina se desculpa por não recuar diante das imposições patriarcais de seu tempo, o que torna a desculpa um paradoxo, uma afronta ou uma ironia.

Talvez seja a ideia de paradoxo que abarque a “sensação” de se deparar com *Úrsula* mais atentamente. Como Muzart (2018) ressalta, a obra busca inspirações em um passado idealizado à moda europeia e tem personagens jovens, belas e brancas, alinhando-se às influências românticas da época. Nisso e no tom melodramático da narrativa, não encontramos grandes surpresas. Muzart (2018, p. 29) inclusive aponta: “Maria Firmina dos Reis é mulata e tendo sofrido, seguramente, o preconceito racial vigente no Brasil, ainda assim escolhe o par romântico pertencente à etnia dominante”. Os primeiros olhos (desavisados) que pousam no texto firminiano em questão questionam se as afirmações iniciais e a ousadia de publicação em pouco auspiciosa época são os únicos méritos de Maria Firmina e sua *Úrsula*.

Conforme a narrativa percorre o caminho romântico do amor, da morte e da loucura, os mesmos olhos – talvez desconfiados – percebem o tom abolicionista aberto do narrador (ou narradora, como declara Mendes (2016)) e dos personagens negros que tomaram, ao longo dos anos de estudos e avanços das pesquisas historiográfico-literárias, para si o protagonismo do romance.

A luta psicológica dos personagens pela própria identidade supera as simples descrições de navios negreiros. A visão de Maria Firmina é bem mais ampla e refinada que em geral. Neste romance ela escapa ao estereótipo da “mulata sensual” (como a Rita Baiana, de Aluísio Azevedo) como principal ponto de interesse nos enredos sobre a raça negra (MARTIN, 1988 *apud* MUZART, 2018, p. 28).

Para além de afirmações antiescravistas contundentes da narradora, as personagens negras de *Úrsula*, Túlio, mãe Susana e Antero, com as próprias vozes, condenam suas condições de escravizados. Condições não menos desumanizadoras pelo fato de terem uma senhora considerada boa e generosa, Luisa B., mãe de *Úrsula*.

Mesmo reconhecendo o pioneirismo de Maria Firmina quanto ao trato abolicionista da narrativa e observando certo afastamento dos personagens negros no que se refere às representações estereotipadas do negro na literatura

brasileira, como Lobo (1993, p. 229) bem retrata citando a crítica de Charles Martin, Muzart (2018) reconhece, na construção de Túlio e Susana, o estereótipo do *bon nègre*, ideia nascida na França que mostra o negro como docilizado, extremamente leal e cumpridor dos seus deveres. A autora cogita assim um possível contato de Firmina dos Reis com a obra de Harriet Beecher Stowe, *A cabana do Pai Tomás*, livro que fez grande sucesso no Brasil.

O romance de Stowe e mais especificamente o personagem de pai Tomás (*uncle Tom* em inglês) passaram por uma série de “reconfigurações” racistas, transformando mais tarde o referido personagem num estereótipo de “negro dócil”, amante de brancos e mesmo defensor da escravidão. Luisa Lobo (1993, p. 229) também reconhece um diálogo da obra de Maria Firmina com a de Stowe, no sentido de martirização (como pai Tomás) de mãe Susana que ao final da narrativa se recusa a fugir mesmo sabendo-se procurada.

Visto ser o negro uma figura invisibilizada no romantismo brasileiro (GOMES, 1988) e mesmo a abolição sendo algo timidamente tratado no período, as barreiras transpostas por Maria Firmina com sua escrita vão se revelando cada vez menos sutis. No capítulo inicial de *Úrsula*, embora o protagonista branco seja o primeiro a aparecer na narrativa, tanto ele quanto o escravizado que o salva demoram a ser nomeados pela narradora. Sobre o segundo, Reis (2017, p. 32) esclarece: “O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão [...]”. De início então se constata uma diferença fenotípica entre ambas as personagens, mas há uma congruência fundamental de temperamento, “as almas generosas”, título do capítulo. Depois dessas identificações de caráter, é de Túlio, o negro escravizado, que a narradora escolhe primeiro apresentar o nome.

Observa-se então o início de uma série de “pequenas” rebeliões, por assim dizer, na narrativa firminiana: uma narradora dotada de opinião, nem um pouco neutra sobre a escravidão, tratamento diferenciado do negro dentro de uma obra romântica e o resgate das raízes africanas dos negros escravizados no Brasil.

Túlio me parece então uma preparação para o tratamento que Maria Firmina daria a Susana no capítulo IX:

Susana, chama-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs (REIS, 2017, p. 99).

Levando em conta as observações de Heloisa Toller Gomes (1988) na introdução de *O negro e o romantismo brasileiro*, de que mesmo na literatura chamada abolicionista o negro aparecia mais como símbolo vivo da escravidão do que como uma pessoa com voz e traços físicos e psicológicos bem apresentados, a escritora nos apresenta Susana (com suas características maternas acentuadas dada a relação que ela tem com Túlio) com detalhes de sua aparência e como são seus sentimentos e opiniões ao longo do capítulo.

Quando da revelação de Túlio de que não era mais um escravo, uma sutil transformação na descrição narrativa anuncia que estão por vir relatos repletos de força e de “voz” de Susana:

Essas últimas palavras despertaram no coração da *velha escrava* uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos.

[...]

A *africana* limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:

– Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! [...] (REIS, 2017, p. 101, grifos nossos).

As expressões grifadas podem muito bem não passar de elementos anafóricos para se referir à personagem Susana, mas sucedem logo antes de a personagem, tomada por lembranças de tempos em que era livre, descrever como foram o seu rapto e sua viagem forçada e repleta de horrores em um navio negreiro. No instante em que a dor da falta de liberdade atinge um ápice, mãe Susana, ao menos naqueles instantes de narrativa própria, deixa de ser uma “velha escrava” e se torna “africana”.

A partir desses momentos simbólicos da narrativa aqui abordada (a “nomeação” de Túlio e a transformação de mãe Susana), a construção do negro em Maria Firmina dos Reis pode ser percebida de maneira ambivalente. Há sim um certo estereótipo do negro docilizado dentro de uma ideia submissa de *bon nègre*, talvez uma tentativa de extrapolar qualidades positivas dos negros para combater ideias e concepções racistas da época que pintavam a etnia como degenerada e inferior. No entanto, observando-se a representação do negro no movimento romântico, nota-se despontar novamente o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis. Não são meros símbolos: têm aparência, têm voz e desejos. Seja como for, a escritora fez o que pôde à época em que estava, almejando figurar sua escrita dentro da “literatura erudita” de então (LOBO, 1993), devendo-se possivelmente a esse desejo as conformidades com as “normas” literárias vigentes.

Luiza Lobo (1993, p. 222) assinala que uma importante característica da literatura afro-brasileira é a passagem do negro de objeto a sujeito, em que este começa a contar a sua visão de mundo com a própria voz. O prólogo de *Úrsula* se inicia como um pedido de desculpas, classificando o livro como “mesquinho e humilde”. Em uma simbiose entre autora e narradora (talvez acidental, talvez proposital), já que o trecho é chamado de prólogo, existe aí uma “conversa” com o leitor, também convencional entre os prólogos da época, ressaltando as faltas de sua criadora:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e uma mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e educação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2017, p. 25).

Por que, mesmo classificando seu livro como de pouco valor e seu repertório ínfimo perto dos de “homens ilustrados” de seu tempo, a escritora insiste nessa publicação? Ela própria nos dá essa resposta: “Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno que não tem limites [...]” (REIS, 2017, p. 25). Tendo uma postura maternal muito proeminente em sua vida pessoal, como mostram suas biografias, com vários filhos de criação, é natural que faça essa associação com a escrita e publicação de um romance. Encontramos aqui outra postura de rebeldia de nossa autora. Mãe Susana encarna, é verdade, um estereótipo de mulher negra na literatura, a “mãe preta”, aquela que não cuida de filhos seus, mas de filhos dos senhores brancos. Mas Maria Firmina, mesmo com as desilusões que revela em seu *Álbum* (MORAIS FILHO, 1975), com seu *Úrsula*, reivindica para si uma maternidade simbólica negada às mulheres negras, como Conceição Evaristo (2005, p. 53) ressalta:

Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas.

Ainda que se colocando em posição humilde, o prólogo escrito por Maria Firmina dos Reis proclama uma maternidade “intelectual” contra as

expectativas e probabilidades da época em que viveu. Os registros da vida da autora (visto que se colocava como mulher de opiniões contundentes e resolutas) nos levam mesmo a questionar o quanto de suas palavras nesse texto têm sentido literal e o quanto podem ser uma afirmação de não negação de sua fecundidade literária.

No que se refere ao estereótipo da mãe preta reconhecido na personagem Susana, é possível encontrar também uma negação semelhante à empreendida por Maria Firmina. Ao contar sua história a Túlio, Susana relembra um matrimônio feliz em terras africanas do qual resultou o nascimento de uma filha que era a sua vida, suas ambições e suprema ventura (REIS, 2017, p. 102). Mesmo sendo a “mãe preta” naquele momento da história, Susana lembra que já foi uma mulher negra, mãe e parte de uma família.

Dada a sensação geral de ambivalências que encontramos na figura e na escrita de Maria Firmina dos Reis, é inevitável, na tentativa de resgatar tanto quanto possível a obra da escritora, compreender mais de um século depois o seu lugar em nosso cânone. Com pioneirismo e ousadia inegáveis, chega até nós uma voz muito própria de Firmina dos Reis, algumas vezes direta e firme, outras acanhada e repleta de “desculpas”. A figura da pioneira pode diluir-se de quando em quando nos excessos ultrarromânticos de fórmulas literárias vigentes no período, no entanto olhares mais atuais talvez nos possibilitem desenvolver novos parâmetros para o que consideramos como canônico ou clássico.

Bell hooks (2019, p. 75) aborda a forma de nos comunicarmos no deslocamento de um papel passivo para um ativo:

O mais importante do nosso trabalho – o trabalho da libertação – demanda que criemos uma nova linguagem, que criemos o discurso oposto: a voz libertadora. Fundamentalmente, a pessoa oprimida que se move de objeto para sujeito fala com a gente de um jeito novo.

Nesse sentido, tanto o óbvio pioneirismo de ser, provavelmente, a primeira mulher negra a publicar um romance no Brasil (MUZART, 2018) como aos poucos, com novas pesquisas historiográfico-literárias, a reivindicação de um lugar no cânone da literatura brasileira como primeiro romance de cunho abolicionista podem ser lidos na perspectiva de um processo de autorrecuperação.

O termo cunhado por bell hooks nos remete à ideia de recuperar um “eu” (ou uma parte do “eu”) que foi perdido, mas está longe de ser um conceito individual, embora os caminhos para essa autorrecuperação possam variar de

um indivíduo para outro. Concebendo um “eu” que se constrói não na destruição do “outro”, mas de um “eu em relação”, existe então a necessidade, para que indivíduos oprimidos alcancem uma voz própria, de recuperar os antepassados, as raízes oprimidas para a “radicalização” da consciência.

É precisamente isso que Maria Firmina faz por meio da voz de seus personagens. Nascimento (2017) observa que a autora não apenas coloca seus personagens negros como aqueles que denunciam a degradação moral da escravidão e de seus aspectos políticos e econômicos, mas também os faz estabelecer uma ligação com a herança africana do negro forçado a ser escravo no Brasil. Na narrativa, os personagens não são despidos de seus traços fenotípicos ou de suas condições de escravizados em nome de uma “suavização” do tom do romance. O autor inclusive acredita que as características do movimento romântico (a evasão, a dramaticidade dos personagens, a sentimentalidade e o tom eloquente da narrativa) “substantiva(m) a afirmação afro-descendente do romance, que se realiza na voz da narradora e dos personagens mencionados” (NASCIMENTO, 2017, p. 1). Em outras palavras, aquilo que “amedrontava” escritores românticos por não saberem como lidar com a complexidade do negro dentro da sociedade brasileira foi justamente o aspecto que fez despontar em estudos recentes o brilhantismo da narrativa de Maria Firmina dos Reis.

Quando analisados mais de perto, os personagens negros de *Úrsula* retomam diferentes aspectos do ser negro em terras brasileiras. Túlio, o mais jovem, tem papel fundamental na narrativa, visto que ele aproxima os dois protagonistas, Tancredo e Úrsula, sendo também “uma espécie de receptáculo, catalisador de experiências ancestrais, pois é ele, na condição de mais jovem, que recebe os ensinamentos culturais e humanos da África ainda não explorada pelos europeus” (NASCIMENTO, 2017, p. 3).

Mãe Susana performa a força maternal e ancestral não somente aconselhando e repreendendo Túlio, mas também trazendo ensinamentos não tão óbvios para ele. Seu relato da vida em África e do processo de ser escravizada vai muito além da mágoa de não ser mais livre:

Preta Susana ensina-o, à maneira de Griot, o significado da liberdade pelo viés da identidade cultural africana, quando uma pessoa mais velha ensina outra que está a menos tempo no mundo, através de narração das experiências pessoais para demonstrar o significado coletivo de um povo ou de um grupo étnico (NASCIMENTO, 2017, p. 4).

Nesse sentido, sua força ensinadora não se encerra aos ouvidos de Túlio que começa a perceber que liberdade transcende a carta de alforria: transcende as décadas chegando a nós apenas recentemente em termos históricos, concebendo novas obras e, até mesmo, novos significados para o cânone literário brasileiro.

Ao mesmo tempo, Antero, outro personagem negro do livro, ao falar com Túlio sobre sua relação com a cachaça pode, à primeira vista, redundar num dos estereótipos do escravizado na literatura, o viciado em bebida pouco confiável. No entanto, o próprio personagem questiona essa visão ao trazer à tona lembranças de como era a relação e a qualidade da bebida ainda na África. Lá era vinho de palma, bebida considerada por ele de qualidade superior à cachaça e à tiquira, sendo símbolo de diversão e comunhão em dias de festa, não de escapismo e de vício como aqui.

Os três personagens trazem visões, personalidades e, acima de tudo vozes diferentes à narrativa. Diante de todas essas constatações, exigentes de uma análise mais apurada sobre a narrativa e a história do negro no Brasil e na nossa literatura, compreendemos então os possíveis estereótipos em que Maria Firmina possa ter caído ao construir seus personagens como produto de seu tempo e da pressão sofrida por afrodescendentes para se ter “compostura” como Alfredo Bosi nota em textos de Machado de Assis (cf. DUARTE, 2017, p. 15).

Com o óbvio esforço da academia há algumas décadas de recuperar perspectivas de grupos oprimidos em estudos das áreas de ciências humanas, apenas recentemente começamos a ver surgir em materiais didáticos a figura de Maria Firmina dos Reis. Esse desequilíbrio entre as pesquisas acadêmicas e o que de fato é estudado na educação básica conecta-se diretamente ao que pontua bell hooks sobre a questão da autorrecuperação. A autora acredita fortemente que a autorrecuperação é um processo de radicalização da consciência; em outras palavras, de tomada de consciência crítica tanto para oprimido quanto para opressor. Contudo, essa radicalização não é possível sem que os movimentos sociais, como o feminismo, forneçam modelos de mudança possíveis, que viajem do pessoal às estruturas sociais.

Analisando os aspectos biográficos de Maria Firmina dos Reis e o revelador prólogo de *Úrsula*, temos um exemplo das atitudes apontadas por hooks como componentes da autorrecuperação. Como professora, Maria Firmina cria em 1880 a primeira escola gratuita e mista do Maranhão (DUARTE, 2017, p. 18), ideia tão avançada para a época que fez com que a empreitada fosse encerrada

dois anos e meio depois devido às duras críticas. Aliada a escritos de seu diário, essa atitude mostra uma consciência não só da importância que a educação tinha para a formação do indivíduo, mas também uma noção de que essa educação, para que fosse plena, não poderia fazer diferença entre os gêneros.

Como escritora, com a publicação de *Úrsula, Gupeva, Cantos à beira-mar* e as contribuições com diversos jornais, numa época em que simplesmente ser alfabetizada já era algo difícil para uma mulher, principalmente longe da vida dos grandes centros urbanos e culturais do país, Maria Firmina demonstrou um comportamento radical. Sendo a linguagem um lugar de luta e resistência, dados os aspectos analisados neste trabalho, constatamos o esforço para mudança, partindo da linguagem e de modos do “opressor” para dar voz ao oprimido, empreendido brilhantemente pela autora.

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir cousa melhor, ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhantes, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós (REIS, 2017, p. 26).

Muito antes de bell hooks conceber a autorrecuperação, a escritora pavimentou o caminho para que esse processo fosse realidade não somente para ela, mas também para as que a seguiriam. Ambas, ainda que distante temporal e geograficamente, reconheceram a mesma “fome”, a mesma vontade de ter voz, de dar voz. Recuperando um papel digno do negro no romantismo e na literatura e a voz de uma mulher negra dentro de sua cultura, Maria Firmina dos Reis criou uma trilha, apagada por longo tempo na história, que hoje está sendo reconstruída e necessita ser devidamente colocada no cânone literário brasileiro.

Self-recovering Maria Firmina dos Reis

Abstract

This study aims to retake and analyze the black characters in the novel *Ursula* by Maria Firmina dos Reis and the biographical trajectory of the author from the perspective of “self-recovery”, a term coined by bell hooks for the process of

displacement from “object to subject” undertaken by individuals in a condition of oppression.

Keywords

Self-recovery. Pioneering spirit. Abolitionism.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, M. Hoje na História: 1859 – Charles Darwin publica *A origem das espécies*. Opera Mundi, 24 nov. 2010. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/7778/hoje-na-historia-1859-charles-darwin-publica-39-a-origem-das-especies-39#>. Acesso em: 11 maio 2021.

DUARTE, E. A. de. Maria Firmina: mulher de seu tempo e do seu país. In: REIS, M. F. dos. *Úrsula*: romance. Incluindo o conto “A escrava”. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GOMES, H. T. Introdução. In: GOMES, H. T. *O negro e o romantismo brasileiro*. São Paulo: Atual, 1988. p. 1-5.

HOOKS, B. 04. sobre a autorrecuperação. In: HOOKS, B. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 72-84.

LOBO, L. Auto-retrato de uma pioneira abolicionista. In: LOBO, L. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 222-238.

MENDES, A. de M. Narrador: pluralidade de vozes. In: MENDES, A. de M. *A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira: revisitando o cânone*. São Paulo: Chiado, 2016. p. 84-91.

MORAIS FILHO, N. (org.). *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luiz: Comissão organizadora das comemorações de sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/maria-firmina-fragmentos-de-uma-vida-2/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

MUZART, Z. L. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, C. L. *et al.* (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 21-35.

NASCIMENTO, J. C. A construção do negro no romance *Úrsula*. literafro, 2017. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/318-a-construcao-do-negro-no-romance-ursula-critica>. Acesso em: 30 jun. 2021.

REIS, M. F. dos. *Úrsula*: romance. Incluindo o conto “A escrava”. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.